

COMUNIDADE DE FALA NO BRASIL E *RECOVERY*

The Community of Voice in Brazil and Recovery

Martha Helena Oliveira Noal¹

Richard Weingarten²

Cristina Oliveira³

Artigo encaminhado: 16/11/2025

Artigo aceito para publicação: 08/12/2025

RESUMO

O presente relato de experiência tem como ponto de partida a participação da Associação Comunidade de Fala Brasil – CdF BR no XV Encontro Catarinense de Saúde Mental, realizado entre os dias 28 e 31 de outubro de 2025, integrando a programação em uma Mesa de Trabalho intitulada “*A Comunidade de Fala no Brasil – CdF e Recovery*”, com a presença de Richard Weingarten, jornalista norte-americano e fundador da CdF no país; Cristina Oliveira, escritora e presidente da Associação CdF BR; e Martha Helena Oliveira Noal, psiquiatra e supervisora da Comunidade de Fala (CdF) em Santa Maria/RS, que atuou como moderadora e palestrante. Durante a mesa, foi apresentada a trajetória da CdF no Brasil, abordando suas origens, fundamentos e método, além dos avanços, desafios e conquistas acumulados ao longo de uma década de atuação. A Comunidade de Fala é um projeto de base comunitária que reúne narrativas de experiências, formação contínua e cooperação interinstitucional, fortalecendo a participação social e contribuindo para a promoção da superação - *recovery* - em saúde mental. Relato de uma trajetória que começou como prática local e transformou-se em rede viva de educação e empoderamento. E é nessa dinâmica que o *recovery* se revela, não apenas como superação individual, mas como processo comunitário, sustentado pela esperança, pelo pertencimento e pela força da fala.

Palavras-Chave: Saúde mental; *Recovery*; Comunidade de fala; Empoderamento; Protagonismo.

ABSTRACT

This experience report takes as its starting point the participation of the *Associação Comunidade de Fala Brasil – CdF BR* (Community of Speech Association Brazil) in the 15th *Encontro Catarinense de Saúde Mental* (Santa Catarina Mental Health Meeting), held from October 28 to 31, 2025. The Association took part in a panel

¹ Psiquiatra. Coordenadora do Programa de Extensão Espaço Nise da Silveira, na Universidade Federal de Santa Maria (RS). Especialista em Humanização na Atenção e Gestão do SUS. Mestre em Psicologia da Saúde. E-mail: marthaonoal@yahoo.com.br

² Jornalista estadunidense. Fundador da Comunidade de Fala. Implantou o Projeto Comunidade de Fala em São Paulo, Santa Maria, Rio de Janeiro, Salvador e Florianópolis. E-mail: richard.weingarten@icloud.com

³ Educadora e escritora. Presidente da Associação Comunidade de Fala Brasil. E-mail: crisoliveira296@gmail.com

session titled “The Community of Speech in Brazil – CdF and Recovery,” featuring Richard Weingarten, American journalist and founder of CdF in Brazil; Cristina Oliveira, president of the CdF BR Association; and Martha Helena Oliveira Noal, psychiatrist and supervisor of CdF in Santa Maria/RS, who served as moderator and speaker. During the session, the history of the Community of Speech in Brazil was presented, addressing its origins, principles, and methods, as well as the progress, challenges, and achievements accumulated over a decade of activity. CdF is a community-based project that brings together personal narratives, ongoing training, and interinstitutional cooperation, strengthening social participation and contributing to the promotion of recovery in mental health. It is a report on a journey that began as a local practice and evolved into a living network of education and empowerment. In this dynamic, recovery is revealed not only as an individual process of overcoming adversity but also as a communal one, sustained by hope, belonging, and the transformative power of speech.

Keywords: Mental Health; Recovery; Community of voice; Empowerment; Protagonism

1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência apresenta a trajetória e as contribuições da Comunidade de Fala (CdF), nos dez anos de sua criação e da Associação Comunidade de Fala Brasil (CdF BR) no campo da saúde mental, tendo como marco a Mesa de Trabalho intitulada “A Comunidade de Fala no Brasil – CdF e Recovery”, realizada no XV Encontro Catarinense de Saúde Mental, realizado entre 28 e 31 de outubro de 2025, em Florianópolis (WEINGARTEN et al, 2025). O texto sintetiza origens, fundamentos e processo de desenvolvimento da CdF, bem como os avanços, desafios e conquistas construídos nessa iniciativa de base comunitária que articula narrativas de experiência, formação contínua e cooperação interinstitucional, fortalecendo a participação social e promovendo o recovery como um processo coletivo, sustentado pelo pertencimento, pela esperança e pela potência da fala.

Richard Weingarten abriu os trabalhos com uma exposição detalhada sobre sua trajetória e ativismo em saúde mental nos Estados Unidos desde os anos 1980. Um ponto marcante de sua fala foi o relato sobre o período em que viveu em Salvador/BA na juventude, experiência que o aproximou da cultura brasileira e de suas expressões de afeto — tão diferentes das norte-americanas — e que influenciou diretamente na concepção da Comunidade de Fala no Brasil. Inspirada

no programa estadunidense *In Our Own Voice*, criado por Joyce Burland⁴, a proposta foi adaptada à realidade brasileira.

Figura 1. Logotipo da Comunidade de Fala Brasil



Fonte: www.comunidadefalabrasil.com.br

A ideia ganhou força após a participação de Richard Weingarten em um congresso de saúde mental em Campinas, em 2014, quando percebeu pouca difusão do conceito de *recovery* no país. Apesar de recomendações internacionais de que todos os serviços de saúde mental deveriam ser orientados na promoção de *recovery* desde 1999, somente em 2015 foi pactuada a inclusão do Brasil na Conferência do Conselho Internacional de Recovery e Cidadania – IRCC (COSTA, 2017).

A partir de sua percepção sobre esta demanda, Richard iniciou uma articulação com equipes de cidades brasileiras interessadas em implantar o projeto.

⁴ Joyce Burland: psicóloga clínica idealizadora dos programas educacionais da National Alliance on Mental Illness (NAMI - Aliança Nacional sobre as Doenças Mentais). Foi diretora nacional do Programa de Educação Família para Família da NAMI, instituição a qual dedicou-se quase até os 80 anos, com contribuições essenciais para o movimento de saúde mental. (BURLAND, 1998; BRISTER, 2020).

O destaque da atuação de Richard foi por sua permanente presença nos processos de implantação e treinamento dos Núcleos, levando a questão do rompimento de estigmas e autoestigmas como referência de atuação, o que revela ao dar ênfase às narrativas de sucesso dos diversos palestrantes que foram citados em suas conquistas e trajetórias de superação.

Entende-se por estigma, um processo social que se caracteriza por exclusão, rejeição, culpa ou desvalorização que resulta da experiência, percepção ou antecipação de julgamento social adverso sobre uma pessoa ou grupo. Já o “autoestigma refere-se ao processo pelo qual o indivíduo aceita a avaliação negativa da sociedade e a incorpora em seu próprio sistema de valores pessoais e senso de identidade” (LIVINGSTON; BOYD, 2010)

Cristina Oliveira, na sequência, relatou sua experiência nos movimentos sociais e como integrante da primeira turma de palestrantes da Comunidade de Fala, em 2015 até seu papel atual como uma das coordenadoras do Núcleo de Santa Maria e Presidente da Associação CdF BR. Sua experiência pessoal e o impacto dessa vivência em sua trajetória destacaram-se pelas palavras-chave “ser sujeito da própria história”. O percurso de Cristina está profundamente entrelaçado ao desenvolvimento da CdF ao longo dos anos, traduzindo em primeira pessoa o sentido de pertencimento e transformação que o projeto propõe (OLIVEIRA, 2019).

Martha Noal, além de moderar a mesa, apresentou um breve aprofundamento sobre *recovery*, conectando seu conceito e implicações ao caminho percorrido pela Comunidade de Fala e à noção de superação — termo já presente na tradição brasileira da saúde mental e que hoje se aproxima do conceito internacional de *recovery*.

Assim como a Gestão Autônoma da Medicação (ONOCKO-CAMPOS, 2013), o Movimento dos Ouvidores de Vozes (COUTO; KANTORSKI, 2018) e o Diálogo Aberto (VILLARES, 2019), a Comunidade de Fala integra um conjunto de práticas inovadoras que valorizam o protagonismo, a autonomia e a construção coletiva de sentido em saúde mental. Considerada com uma nova abordagem em saúde mental, o propósito central da CdF é contribuir para a redução do estigma e do autoestigma historicamente associados às experiências de sofrimento psíquico, desconstruindo crenças culturais que colocam pessoas com vivências de

adoecimento mental em posição de inferioridade ou incapacidade. O empoderamento, nesse contexto, aparece como um eixo essencial da abordagem proposta pela CdF.

2 DESENVOLVIMENTO

Na abordagem proposta pela CdF, os palestrantes são pessoas com histórias reais de sofrimento e superação em saúde mental. O processo começa com um período de contatos, entrevistas e convite para a formação de um núcleo de palestrantes em determinada cidade ou local. As pessoas usuárias de serviços de saúde mental, em processo de recuperação (*recovery*) e com habilidades para falar em público ou coordenar grupos, são convidadas a integrar turmas de treinamento, geralmente compostas por cerca de dez participantes.

Após o treinamento em método próprio, cada participante passa a compartilhar sua narrativa pessoal abordando os períodos difíceis, o processo de aceitação e tratamento, o valor do autocuidado, as formas de lidar com as dificuldades surgidas, traz sua vivência enquanto sujeito de sua própria história e descreve a redescoberta da esperança, os sonhos e as conquistas que marcam o caminho da recuperação.

As apresentações são realizadas por duplas de pessoas com experiências vividas, em processo de *recovery*, chamados de *docentes por experiência*, que intercalam suas falas. Ao narrar suas trajetórias, compartilham desafios, estratégias de cuidado, recursos de tratamento e modos de retomar a vida. Assim, difunde-se a lógica da educação em saúde pela voz de quem viveu a experiência. O lema adotado resume a essência da iniciativa: “*Nada sobre nós, sem nós*”. Cada palestra é um degrau no crescimento pessoal de quem a realiza e a consolidação dos Núcleos, formados por supervisores, coordenadores e palestrantes que mantêm vivo esse método em movimento.

Essas narrativas alcançam dimensões que frequentemente nos escapam, pois despertam a esperança — o esperar de que é possível sair de uma crise e aprender a conviver com ela. Na fala dos palestrantes escutamos: “Essa experiência nos transforma internamente e nos prepara melhor para lidar com o dia a dia”. É

uma esperança que atravessa não apenas as pessoas com experiências vividas, mas também seus familiares, amigos e a própria comunidade.

O destaque do método da Comunidade de Fala está na sua estrutura clara e acessível, geralmente descrita em um banner ou tela, com pontos chave fixos, apresentados como a metáfora de um trem, em que cada tópico representa um vagão. Um trem com sua linha e vagões definidos. A sequência dos passos, o tempo de fala, a integração entre os dois palestrantes e a escuta ativa da plateia (que ao final pode interagir) constituem elementos essenciais que a diferenciam das rodas de conversa, grupos de ajuda mútua ou espaços terapêuticos convencionais. Aqui, o foco está nas pessoas: seus desafios, possibilidades, sonhos e realizações cotidianas, não os diagnósticos.

Figura 2. Banner da Comunidade de Fala



Fonte: www.comunidade defalabrasil.com.br

O protagonismo emerge à medida que os palestrantes reconhecem e ressignificam suas próprias histórias, fortalecem vínculos dentro dos Núcleos e ampliam o diálogo com públicos diversos. O resultado é duplo: desenvolvimento pessoal e impacto social. A experiência provoca reflexão crítica sobre o preconceito e amplia o entendimento da sociedade sobre o que significa superação em saúde mental — um dos sentidos centrais do termo *Recovery*.

2.1 Trajetória e expansão dos Núcleos

Ao longo dos anos, os Núcleos da CdF se multiplicaram em diferentes regiões do Brasil. As universidades e associações parceiras tiveram papel central nessa expansão, oferecendo espaços de fala, apoio institucional e articulação com a comunidade.

Em 2015 foi criado o Núcleo de São Paulo/SP através do contato com Cecília Villares, da Associação Brasileira de Familiares e Pessoas com Esquizofrenia (ABRE), e o Núcleo de Santa Maria/RS supervisionado por Martha Helena Oliveira Noal, da Universidade Federal de Santa Maria, em parceria com a Associação de Familiares, Amigos e pessoas com Bipolaridade (AFAB). No mesmo ano foi inaugurado o Espaço Nise da Silveira, programa de extensão da UFSM que encampou vários projetos, como a AFAB e a Comunidade de Fala (ESPAÇO NISE DA SILVEIRA, 2024).

Em 2016, Eduardo Mourão Vasconcelos deu suporte, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), para a criação do Núcleo de CdF do Rio de Janeiro/RJ. Em 2019, Mônica Nunes, com apoio da Universidade Federal da Bahia (UFBA), encampou a formação do Núcleo de CdF de Salvador/BA.

Mais recentemente, em 2024, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com o apoio de Walter Oliveira, viabilizou a formação do Núcleo da Comunidade de Fala de Florianópolis/SC. E a Universidade de Montes Claros (Unimontes) está abrigando o Núcleo Norte de Minas, ainda em formação, composto por três cidades: Montes Claros, Janaúba e São Francisco.

A pandemia de COVID-19 foi um ponto de virada inesperado. O que era encontro presencial, afeto no olhar e troca direta, passou a acontecer pela tela. O que aparentemente seria uma limitação, representou também um recomeço: descobriu-se outras formas de conexão, de continuar falando e ouvindo, e de manter viva a esperança. O virtual uniu as pessoas e a rede cresceu.

O espaço virtual permitiu que pessoas de diferentes cidades compusessem uma mesma equipe, ampliando trocas culturais e fortalecendo a Comunidade de Fala. Nos últimos anos, por exemplo, o Núcleo de Santa Maria reúne palestrantes de Maceió/AL e Indaiatuba/SP. E a formação da nova unidade: Norte de Minas, introduz

a modalidade de treinamento e gestão *on-line*, integrando três cidades em um mesmo Núcleo.

As apresentações, atualmente, podem ocorrer de modo presencial, híbrido ou *on-line*. E quando envolvem dois ou mais núcleos, ampliam-se as trocas regionais e a diversidade de perspectivas.

2.2 Revitalização e articulação nacional

O processo de formação de um Núcleo sempre gerou um entusiasmo, pois a divulgação e os contatos dos articuladores geralmente abriam portas imediatas para que os palestrantes exercitassem seu aprendizado. As expectativas otimistas de incremento das atividades permitiram um aumento de autoconfiança e empoderamento dos participantes. Há diversos depoimentos de representantes de vários Núcleos que, ao se tornarem palestrantes, saíram da sua condição passiva – de pacientes, para ter uma identidade, com nome e sobrenome, uma ressignificação como pessoa e não como um diagnóstico.

Essa atuação com pouca articulação nacional entre os núcleos, expressa em trocas pontuais e concentradas em referências pessoais, gerou em alguns núcleos, um enfraquecimento das ações que se iniciavam de forma motivada, mas no decorrer do tempo iam se diluindo e perdendo as características do método original. Temos como exemplo, a tentativa frustrada de se criar um Núcleo da Zona Leste em São Paulo.

Há que se ponderar o natural “esvaziamento” de palestrantes nos Núcleos, tanto por dificuldades naturais pessoais da própria condição de saúde (internações, fragilidades, oscilações no processo de superação), quanto por algo muito significativo, a ampliação de horizontes e a saída de palestrantes para exercer protagonismo em outros contextos. O empoderamento possibilitou que palestrantes, inicialmente tímidos e com dificuldades de se expressarem, se tornassem protagonistas efetivos, seja na área da saúde mental ou mesmo enquanto profissionais especializados em outras áreas. Há narrativas riquíssimas neste sentido.

Em 2023 a experiência da CdF Santa Maria concorreu a um edital do Laboratório de Inovação Latino-Americano de Práticas de Participação Social em

Saúde da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS, 2023), sendo selecionada dentre 122 iniciativas para constar do Portal da Inovação na Gestão do SUS. Esse processo de sistematização revelou a potência do trabalho realizado nesse Núcleo desde 2015, bem como a necessidade de ampliar a integração entre os Núcleos.

A partir dessa experiência nasceu a ideia da criação do *site* Comunidade de Fala Brasil - CdF BR, um espaço de integração, memória institucional e visibilidade que reúne história, princípios e a estrutura geral do projeto, assim como, um detalhamento das ações de cada núcleo. Contém também um acervo de publicações. Trata-se de um *site*, produzido por voluntários, que permite uma compreensão do que é a Comunidade de Fala. Em diálogo com ele, um perfil no *Instagram* proporciona mobilidade, atualiza constantemente as ações, práticas de fala, eventos e encontros, revelando a vitalidade da rede. Esse movimento se expressa com as fotos, a divulgação dos encontros e a troca entre os participantes dos diferentes locais. O Canal de *Youtube* surge nesse momento como um suporte do trabalho que começa a ser implantado.

Esse processo não foi apenas técnico - revelou trajetórias humanas, afetos, superações e um senso crescente de pertencimento coletivo. Algo que pode ser descrito como o “encantamento” que se deseja transmitir, diretamente ligado à questão das conquistas que cada um dos palestrantes participantes faz questão de ressaltar. A mudança no comportamento frente à vida, como Richard Weingarten salienta, tem ênfase nas constantes participações e acompanhamentos das ações da CdF BR, como associado honorário vitalício, fazendo jus ao reconhecimento da sua obra.

2.3 Institucionalização e fortalecimento da identidade

Para a construção do *site* foi necessária a busca de conteúdos específicos de cada equipe a serem publicizados. Evidenciou-se, a partir das trocas entre os Núcleos, diferenças regionais e de experiências de atuação e gestão que demandam organização e fortalecimento institucional. Uma das análises do enfraquecimento gradual do trabalho está diretamente vinculada à ausência de “nome e sobrenome” institucional. Como preservar o método original com uniformidade em todos os núcleos? Como participar de editais, convites oficiais, sem

uma identidade? Como tratar da viabilização das palestras, deslocamentos, locais de reunião/avaliação, material de trabalho? Como colaborar com os custos dos participantes em locais onde o pagamento ou colaboração são inviáveis? Como ter transparência nesses custos?

Foi assim que em 2024 e 2025, os Núcleos se uniram para constituir a Associação Comunidade de Fala Brasil - CdF BR, definindo seu estatuto social, critérios éticos e linhas de atuação. Essa iniciativa representa um caminho e desafio burocrático para tirar do isolamento pessoas atuantes em prol de um coletivo organizado em defesa da saúde mental mais humana e inclusiva.

Assim, a CdF BR nasce da necessidade de conexão — de transformar vozes isoladas em uma rede com propósito comum. Hoje tem identidade e força para superar a fronteira dos laços e indicações pessoais. Algo que ultrapassa a institucionalização de uma Associação. É uma proposta nova: possuir uma identidade respeitando as diferenças culturais, alinhando valores, traçando uma identidade que fortaleça e distinga a Comunidade de Fala. Esse processo se dá, muito além das necessidades cartoriais. Entra na dimensão ética da transparência na condução e na horizontalidade das trocas a respeito do caminho a seguir. O processo de criação do Estatuto Social foi um exemplo prático de inclusão das vozes de todos os territórios da CdF BR sendo ouvidas e incorporadas, a partir da organização de um conselho gestor com representatividade.

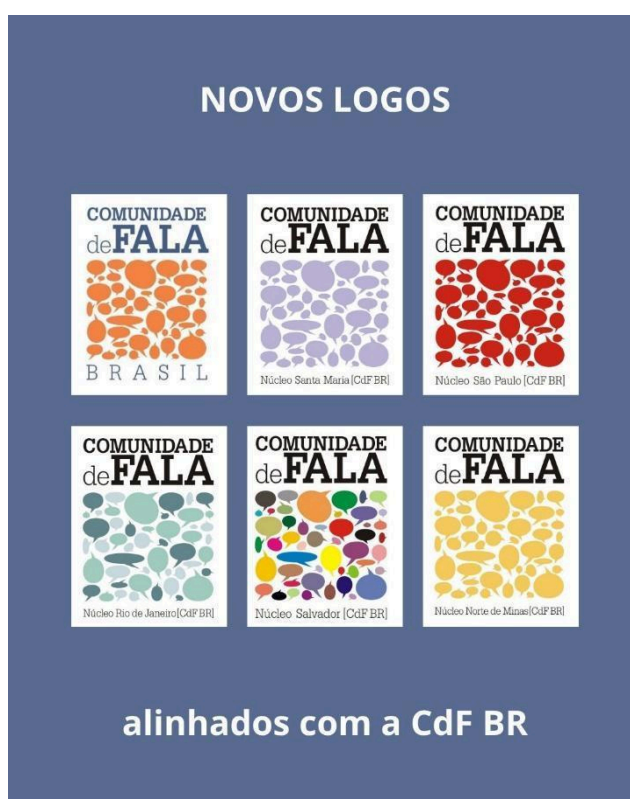
A construção de uma entidade nacional, diferenciada, humana e ética, engajada na luta social é um grande desafio, mas também uma grande força: manter viva a fala, o encontro e o pertencimento. Quando a Associação leva às palestras, temas como autocuidado, respeito e inclusão, é necessário também vivenciar esses princípios em sua própria estrutura. Trata-se de um exercício constante: transformar em prática interna aquilo que se defende publicamente, rompendo com velhos vícios de estruturas de poder. Pouco adiantaria palestrar sobre esperança e transformação se, internamente, não se conseguisse cultivar um clima de acolhimento e cordialidade.

O apoio entre pares, que em muitos núcleos já acontece, precisa se ampliar com trocas de experiências, escuta atenta e vínculos reais. A CdF BR tem uma boa

estrutura, mas o que realmente a sustenta é o afeto, o respeito e a solidariedade entre as pessoas que a constroem.

Dois eixos estruturam atuação atual da CdF BR. O primeiro é a *Comunicação Institucional*, que fortalece identidade, visibilidade e articulação entre núcleos, divulgação e materiais audiovisuais, que sustentem o crescimento e abram novas possibilidades de parcerias e divulgações. A força da Associação está justamente em ser uma voz coletiva. O processo de alinhamento dos logotipos de cada Núcleo, com a identidade visual da CdF BR, expressa esse movimento.

Figura 3. Logotipos dos Núcleos da Comunidade de Fala.



Fonte: www.comunidadedefalabrasil.com.br.

O segundo eixo é o *Ciclo de Formação*, que representa o “coração” do processo de desenvolvimento interno. Vai além do preparo de palestrantes com um determinado método. Ele foi pensado para integrar e fortalecer as pessoas que compõem os Núcleos, promovendo uma formação que une consciência crítica, conhecimento técnico e fortalecimento pessoal. Essa vertente de atuação está

entrosada com os princípios da reforma psiquiátrica e da luta antimanicomial e com o compromisso de transformação social em saúde mental.

O objetivo do Ciclo de Formação é preparar palestrantes, coordenadores e supervisores para uma atuação ética, sensível e qualificada, capaz de transformar experiências individuais em narrativas de superação e aprendizado coletivo.

O Ciclo também busca reforçar o compromisso da CdF BR com práticas baseadas na horizontalidade, no respeito à diversidade e na corresponsabilidade — valores que sustentam toda a proposta, presentes no desenvolvimento de parceria com associações, comunidades e voluntários, evidenciando trocas intersetoriais potentes.

Um exemplo prático deste olhar é a parceria que está sendo estabelecida para a produção do material audiovisual pela agência de Comunicação NUAR - dos jovens da Comunidade Vila Nova, de São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo. Essa articulação representa uma oportunidade de troca cativante e potente.

A trajetória da Comunidade de Fala revela um percurso de construção coletiva marcado por sensibilidade, aprendizado e transformação. Desde a formação dos primeiros Núcleos, compostos por pessoas usuárias de serviços de saúde mental, familiares e profissionais aliados, até a consolidação da CdF BR como rede nacional, o que se destaca é a força da experiência compartilhada.

O método, centrado nas narrativas de vida, permitiu que histórias de dor se transformassem em instrumentos de fala pública, educação e empoderamento. O fortalecimento dos vínculos entre os Núcleos, a criação de espaços de memória e visibilidade — como o *site*, as redes sociais e o canal de *YouTube* — e o engajamento contínuo de seus participantes consolidaram uma identidade coletiva em expansão.

Nesse movimento, a prática do Recovery deixa de ser apenas um conceito de reabilitação individual e se manifesta como um processo vivido em comunidade: um *recovery* que se faz relacional, solidário e inspirador, onde cada fala pessoal encontra eco na construção de um pertencimento coletivo e de um novo modo de estar no mundo.

2.4 Recovery a partir da Comunidade de Fala

Recovery é uma palavra de difícil tradução. Literalmente pode ser compreendida como *recuperação* ou *restabelecimento*, entretanto, no campo da saúde mental, no retorno após uma experiência de adoecimento dificilmente se volta ao estado anterior. Vivências intensas tendem a deixar marcas e aprendizados que permitem um processo de *redescobertas* e *reconquistas*, oportunizando outras escolhas e posturas frente à vida, diferentes daquelas anteriores e muitas vezes, com maior qualidade de vida. A tradução mais aceita atualmente é *superação*, que descreve melhor o seu conceito.

“Mais do que a remissão dos sintomas ou o retorno a um estado normal, *recovery* se refere a um **processo** complexo e não linear, que envolve a reconstrução do sentido de si, a renovação da esperança, a superação do estigma, a capacidade de tomar decisões sobre a própria vida, o exercício pleno da cidadania, o fortalecimento das redes de suporte social e a participação na comunidade” (OMS, 2022, p. 15).

A Organização Mundial da Saúde descreve o conceito de Recovery, como “um termo polissêmico que corresponde tanto a uma abordagem em saúde mental quanto ao processo singular de fortalecimento pessoal e empoderamento de pessoas com experiência vivida de adoecimento psíquico” (OMS, 2022, p. 15).

Eduardo Mourão elenca dentre estes diferentes significados de *recovery*, diversas dimensões: como um Movimento Social; como uma Política de Atenção Orientada para o *Recovery* em Saúde Mental, Drogas e Atenção a Presidiários; Recovery como um Processo Pessoal e Singular de Lidar com a Vida com o Transtorno Mental e como uma Estratégia Fundamental de Contratação de Trabalhadores de Suporte de Pares (VASCONCELOS, 2017).

Neste sentido, a Comunidade de Fala é uma tecnologia social que transita desde os processos de superação individuais à ação coletiva, como movimento cultural e ético, não apenas clínico — com ênfase no protagonismo, esperança e reconexão com o cotidiano.

Um princípio fundamental do recovery é que pessoas com experiências de adoecimentos psíquicos, “independente da severidade destes, podem viver uma vida produtiva, mesmo enquanto manifestando sintomas” (COSTA, 2017).

A Comunidade de Fala não só evidencia isto a partir de suas narrativas de trajetórias bem-sucedidas, para além de diagnósticos e sintomas, como promove e facilita que elementos do *recovery*, como a esperança, o empoderamento e o

resgate da própria identidade, incidam diretamente sobre a redescoberta de sentidos e o fortalecimento da noção de cidadania de seus palestrantes.

Outros elementos do *recovery* que são exercitados nas equipes da Comunidade de Fala, além das narrativas em primeira pessoa, são a reintegração social e o pertencimento a um coletivo que lhes permita novos propósitos e projetos de vida. O suporte de pares, seja como um trabalho valorizado e remunerado, ou na sua versão informal, de apoio mútuo e trocas de experiência e cuidado entre os pares, também é observado entre os componentes dos diferentes Núcleos do CdF.

As pessoas inseridas em programas de reabilitação psicossocial, como trabalho e moradia protegidas, capacitações, movimentos sociais, integração comunitária como redes de apoio e autossuficiência demonstram um perfil mais avançado de recuperação (VASCONCELOS, 2017 e 2023).

Diversos percursos terapêuticos dentre os coordenadores e palestrantes da Comunidade de Fala Brasil demonstram nitidamente o incremento nas habilidades sociais e no despontar de seus próprios potenciais criativos para o resgate de existências ricas de sentido.

A produção literária de palestrantes, advinda após suas inserções na Comunidade de Fala, ilustra essa transformação. Dois exemplos, ambos, referentes a pessoas septuagenárias serão citados a seguir. Cristina Oliveira publicou dois livros, um de narrativas em primeira pessoa (OLIVEIRA, 2020) e o seguinte, estabelecendo-se como escritora de ficção (OLIVEIRA, 2024). Iolanda Damasceno, poetisa de longa data, guardava o desejo de publicar um livro de poesias. Foi como palestrante em uma turma de acadêmicos de Terapia Ocupacional da UFSM que compartilhou sua vontade no último passo do método do CdF: “Sucessos, sonhos e esperanças”, o que mobilizou docente e discentes do curso a elaborarem um projeto em parceria com o Espaço Nise da Silveira, culminando com a publicação de “Esperança na Solidão” (DAMASCENO, 2024). Em 2017, entrevistada sobre o papel da Comunidade de Fala no empoderamento e *recovery* de usuários dos serviços de saúde mental já havia demonstrado sua determinação: “Meu sonho é publicar o meu livro de poesias. É um sonho que se tornará realidade. Não posso ficar só na esperança, o livro vai se concretizar” (COSTA; NOAL, 2017).

Figura 4. Livros publicados.



Fonte: Autoria própria.

Outros relatos e aprofundamentos sobre a Comunidade de Fala podem ser buscados nas publicações sobre os cinco anos de sua implementação no Brasil (WEINGARTEN *et al*, 2021) e no Portal OPAS (OPAS, 2023), além do *site* CdF BR (COMUNIDADE DE FALA BRASIL). Assim como, os livros “O movimento de usuários em saúde mental nos Estados Unidos: história, processos de ajuda e suportes mútuos e militância” (WEINGARTEN, 2001) e “Reinventando a Vida. Narrativas de recuperação e convivência com o transtorno mental” (VASCONCELOS; WEINGARTEN, 2006) são bases das vivências de Richard como elementos inspiradores que antecederam sua idealização da Comunidade de Fala.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em saúde mental se diz que a qualidade dos serviços pode ser empiricamente inferida pela incapacidade de se distinguir a equipe técnica das pessoas com experiências vividas. Na mesa de trabalho que inspirou este artigo, dois docentes por experiências compartilharam conhecimentos com uma profissional, estabelecendo a mesma lógica, no poder de fala e na transversalidade e complementaridade de saberes.

Nos dez anos de trajetória da Comunidade de Fala no Brasil muitos avanços e aprendizados sobre como qualificar o projeto e sobre como dar novos sentidos à vida foram desenvolvidos, para supervisores, coordenadores e palestrantes. De acordo com as avaliações e devolutivas obtidas do público, também a sociedade em geral tem se beneficiado com a possibilidade de conhecer histórias de superação e rever paradigmas sociais sobre as inúmeras formas de ser no mundo.

4 REFERÊNCIAS

BRISTER, Teri. Education and Healing. How the unmet needs of individuals and families spurred the growth of NAMI programs. **Advocate Magazine**, vol. 18. 2020. Disponível em: https://advocatemag.nami.org/advocatemag/spring_2020/MobilePagedArticle.action?articleId=1588639#articleId1588639. Acesso em: 10 nov. 2025.

BURLAND, Joyce. Family-to-Family: A Trauma-and-Recovery Model of Family Education. FAMILIES COPING WITH MENTAL ILLNESS. NEW DIRECTIONS FOR MENTAL HEALTH SERVICES, 77, 33-41. O Jossey-Bass Publishers, 1998. Disponível em: [file:///D:/Perfil%20do%20Usu%C3%A1rio/Downloads/New%20Directions%20for%20Mental%20Health%20Services%20-%202006%20-%20Burland%20-%20Family%E2%80%90to%E2%80%90family%20A%20trauma%E2%80%90and%E2%80%90recovery%20model%20of%20family%20\(1\).pdf](file:///D:/Perfil%20do%20Usu%C3%A1rio/Downloads/New%20Directions%20for%20Mental%20Health%20Services%20-%202006%20-%20Burland%20-%20Family%E2%80%90to%E2%80%90family%20A%20trauma%E2%80%90and%E2%80%90recovery%20model%20of%20family%20(1).pdf). Acesso em 10 nov. 2025.

COMUNIDADE DE FALA BRASIL (Brasil). Início. In: COMUNIDADE DE FALA BRASIL. **Comunidade de Fala Brasil**. [S. l.], 2024. Disponível em: www.comunidadefalabrasil.com.br. Acesso em: 15 nov. 2025.

COSTA, Elisangela S.; NOAL, Martha H. O. O papel do projeto 'Comunidade de Fala' no empoderamento e recovery de usuários dos serviços de saúde mental. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 199-211, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69545/41667>. Acesso em: 10 nov. 2025.

COSTA, Mark N. Recovery como estratégia para avançar a Reforma Psiquiátrica no Brasil. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 1-16, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69532/41654> Acesso em: 14 nov. 2025.

COUTO, Maria. L. O.; KANTORSKI, Luciane P. Ouvidores de vozes: uma revisão sobre o sentido e a relação com as vozes. **Psicologia USP**, v. 29, n. 3, p. 418-431, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pusp/a/CVRX9x3rLS5fRVH7KG9SSys/?lang=pt>. Acesso em 17 dez.2025.

DAMASCENO, Iolanda P. *Esperança na Solidão*. Santa Maria: ITPH, 2024.

ESPAÇO NISE DA SILVEIRA. **Links do Espaço Nise da Silveira**. Disponível em: <https://linktr.ee/espaconisedasilveira>. Acesso em 15 nov. 2025.

LIVINGSTON J. D.; BOYD J.E. Correlates and consequences of internalized stigma for people living with mental illness: a systematic review and meta-analysis. **Soc Sci Med**. 2010 Dec;71(12):2150-61. doi: 10.1016/j.socscimed.2010.09.030. Epub 2010 Oct 12. PMID: 21051128. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21051128/>. Acesso em: 17 dez. 2025.

OLIVEIRA, Cristina. **Sou mais que a minha doença – Sonhos, desafios e superação**. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2020.

OLIVEIRA, Cristina. **Maria do Condomínio – envelhecer, chatices e causos**. Rio de Janeiro: 2024.

OLIVEIRA, Maria C. P. Minha Trajetória. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 11, n. 29, p. 113–118, 2019. DOI: 10.5007/cbsm.v11i29.70355. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/70355>. Acesso em: 10 nov. 2025.

ONOCKO-CAMPOS Rosana T.; PASSOS, Eduardo; PALOMBINI, Analice L.; SANTOS, Deivisson V. D.; STEFANELLO, Sabrina; GONÇALVES, Laura L. M.; ANDRADE, Paula M.; BORGES, Luana R. A Gestão Autônoma da Medicação: uma intervenção analisadora de serviços em saúde mental. **Ciência & Saúde Coletiva**, 18(10):2889-2898, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2013.v18n10/2889-2898/pt>. Acesso em: 17 dez. 2025.

OPAS/OMS. Módulos técnicos da OMS e orientações sobre serviços comunitários de saúde mental - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde, 2022. Disponível em: <https://share.google/z9Jc0r4vmK0wWFTxj>. Acesso em 10 nov.25.

OPAS. Laboratório de Inovação Latino-Americano de Práticas de Participação Social em Saúde. Comunidade de Fala. In: **APS Redes**. Brasil, 2023. Disponível em: apsredes.org/live-lis-cns/comunidade-de-fala/. Acesso em: 15 nov. 2025.

VASCONCELOS, Eduardo M. **Curso de Formação em saúde mental e luta Antimanicomial**. Hucitec Editora, 2023, 1ª edição.

VASCONCELOS, Eduardo M. As abordagens anglo-saxônicas de empoderamento e Recovery (recuperação, restabelecimento) em saúde mental I: Uma apresentação história e conceitual para o leitor brasileiro. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 9, n. 21, p. 31–47, 2017. DOI: 10.5007/cbsm.v9i21.69534. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69534>. Acesso em: 15 nov. 2025.

VASCONCELOS, E. M., WEINGARTEN, R.(Org.) **Reinventando a Vida. Narrativas de recuperação e convivência com o transtorno mental**. Editora HUCITEC, 2006.

VILLARES, Cecília C. Pelos caminhos do diálogo aberto: reflexões sobre aprender, praticar e formar profissionais no contexto da saúde mental no Brasil. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 28, p. 98-113, 2019. Disponível em <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/540/422>. Acesso em: 17 dez. 2025.

WEINGARTEN, Richard; NOAL, Martha H. O.; VASCONCELOS, Eduardo M.; TORRENTÉ, Mônica N.; MANÇO, Caio W. O programa Comunidade de Fala (CdF) nos seus cinco anos de implementação no Brasil. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 13, n. 36, p. 228–249, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/82132>. Acesso em: 10 nov. 2025.

WEINGARTEN, Richard. **O movimento de usuários em saúde mental nos Estados Unidos: história, processos de ajuda e suportes mútuos e militância**. Rio de Janeiro; Instituto Franco Basaglia e Projeto Transversões; 2001.

WEINGARTEN, Richard; OLIVEIRA, Cristina; NOAL, Martha H. O. **Mesa Redonda proferida no XV Encontro Catarinense de Saúde Mental: A Comunidade de Fala (CdF) Brasil e Recovery**. Florianópolis, 30 out. 2025. Disponível em https://www.youtube.com/live/g75gCmGU_8E?si=RT2Dw7BWA0BYwMYh. Acesso em: 10 nov. 2025.